

Sobre nós e os nós.

Olá a todos, todas e todes, estamos muito felizes em iniciar o curso ***Enegrecendo o SUAS: diálogos sobre racismo institucional***. Para este curso, que tem como objetivo apresentar as noções básicas da história e dinâmica das relações raciais no Brasil, a partir dos conceitos de raça, etnia, racismo, discriminação, preconceito racial e racismo institucional, nos voltamos para as desigualdades raciais e para as expressões da questão social no cotidiano da sociedade brasileira e, de modo específico, do Sistema Único da Assistência Social.

Para dar conta desse enorme desafio, nos juntamos Eulla Yaá e Raquel Uchôa, para construir pontes e derrubar muros.

Eulla Yaá é arte-educadora no projeto onda pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos- INESC, professora de Ciências Naturais formada pela Faculdade UnB Planaltina e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências- PPGEDUC/UnB. Compõe a coordenação colegiada do Centro de Defesa do Direito da Criança e do Adolescente-CEDECA DF. Integra o projeto Poesia nas Quebradas e o Núcleo de Estudos, Organização e Difusão do conhecimento em Literatura Marginal - NEOLIM.



fonte: Arquivo Pessoal



fonte: Arquivo Pessoal

Raquel Uchôa é professora do Departamento de Ciências do Consumo da Universidade Federal Rural de Pernambuco, do Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades/PPGECI e da Escola de conselhos de Pernambuco. Faz parte da coordenação do Observatório da Família que integra o Instituto Menino Miguel. Atualmente é coordenadora pedagógica na parceria entre a EsfoSUAS e a Faturpe/UFRPE para as ações de educação permanente dos/as trabalhadores/as do SUAS no estado de Pernambuco.

Estamos juntas, duas mulheres, distantes geograficamente, Eulla no Distrito Federal e, Raquel, em Recife/PE, próximas na militância pelos Direitos Humanos de crianças, adolescentes, mulheres e periferias. Acreditamos que todas as pessoas devem ter acesso às políticas públicas, que as políticas devem ser promotoras de acesso a direitos, proteção social e oportunidades para que todos e todas possam ser e existir com dignidade em nossa

sociedade. Em síntese, nos juntamos para “render”, conforme nos ensina Nego Bispo, para aprendermos e ensinarmos a partir da possibilidade do encontro.

Logo de início, já na apresentação do curso afirmamos que *Enegrecer o SUAS* é tarefa tão urgente quanto difícil, porque “enegrecer” não é algo possível de ser feito apenas no campo da racionalidade, ou das normativas, diz sobre a exposição e enfrentamento a todas as expressões do racismo que estruturam nossa sociedade, que operam dentro e fora do cotidiano das políticas.

A expressão ***Enegrecer o SUAS***, se inspira no conceito de “*enegrecer o feminismo*”, formulado pela filósofa e escritora brasileira Sueli Carneiro, que questiona as bases hegemônicas do feminismo tradicional para trazer as particularidades das mulheres negras e pobres, o que representaria o ato de enegrecer, no sentido de tornar negro.

Aparecida ***Sueli Carneiro Jacoel*** nasceu na capital paulista, em 1950. Formada em Filosofia e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Sueli é co-fundadora do Instituto Geledés, a primeira organização negra e feminista independente de São Paulo.



Fonte: Sueli Carneiro: 75 anos de referência do pensamento antirracista e do feminismo negro - Site Alma Preta

<https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/sueli-carneiro-75-anos-de-referencia-do-pensamento-antirracista-e-do-feminismo-negro/>

Com mais de 150 artigos publicados em jornais, revistas e livros fundamentais para as temáticas de gênero, raça e interseccionalidade, o trabalho da intelectual impactou profundamente o ativismo pelo direito das mulheres negras. A filósofa é autora de obras como “Dispositivo de Racialidade” (2023) e “Mulheres em movimento” (2003), onde elabora conceitos como o “epistemicídio”, apagamento sistemático dos saberes negros nos espaços institucionais e acadêmicos. Na publicação, a autora articula o pensamento decolonial às resistências produzidas por mulheres negras ao longo da história.

Ao longo de sua trajetória, Sueli também desenvolveu ações concretas como o projeto Rappers, voltado à proteção da juventude negra diante da violência policial. Foi ainda a criadora, nos anos 1990, do primeiro programa brasileiro de saúde física e mental destinado exclusivamente a mulheres negras. Em 2022, a escritora foi reconhecida com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Brasília (UnB), tornando-se a primeira mulher negra a receber a mais alta honraria concedida pela instituição.

Além da homenagem, Sueli Carneiro também recebeu importantes prêmios, como o Bertha Lutz, o Benedito Galvão, o Prêmio Itaú Cultural 30 Anos e o Especial Vladimir Herzog, além de reconhecimentos internacionais como o Prêmio Direitos Humanos da República Francesa e a Menção Honrosa no Prêmio Franz de Castro Holzwarth.

Seu legado é uma convocação permanente à construção de uma sociedade que enfrente o racismo não apenas como discurso, mas como estrutura a ser desmontada.

Consideramos ser essencial uma reorientação do SUAS e das demais políticas públicas, no sentido de dar “carne e corpo” para que as demandas específicas da população negra sejam centralizadas, reconhecidas e atendidas de maneira eficaz, o que exige uma análise



crítica sobre como a Assistência Social têm atuado, assim como, sobre como ela pode se tornar uma ferramenta de combate ao racismo.

De acordo com Simone Albuquerque (2023) são impressionantes os dados do SUAS em relação ao elevado nível de atendimento à população negra no país, bem como também, o fato de que este universo não é [ou pouco é] problematizado na hora de refletir sobre esta política pública. De acordo com Simone, em relação ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos/SCFV, quase 80% dos que acessam são pessoas negras, principalmente mulheres pretas, mas este não é um fator decisivo sobre o fazer das ofertas. Daí perguntamos: *Como se produz convivência, sem tratar questões que são essenciais para a experiência destes corpos?*

É urgente pensarmos nisso, e por isso apontamos para a responsabilidade desta política politizar o cuidado, compreender o trabalho no SUAS como cuidado político, ou demanda de cuidado politizada, que demanda uma reflexão interseccional, que só pode ser compreendida a partir do que para Safioti (2015) constituiria uma espécie de novelo do patriarcado-racismo-capitalismo, uma estrutura de poder que historicamente unifica as três ordens de desigualdade e subordinação: de gênero (homens superiores às mulheres), de raça/etnia (brancos superiores a pessoas negras e/ou racializadas) e de classe social (ricos sobre pobres). O machismo, racismo e exploração de classe constituem um contínuo interrelacionado, que afeta diretamente as dimensões materiais e relacionais de vida em sociedade.

Neste sentido, a proposta neste curso é trazermos várias questões para a nossa reflexão e debate. Já é hora de pensarmos sobre o que estamos construindo e ofertando. Afinal de contas, estamos em tempos de pensar nos próximos 10 do SUAS no Brasil e na sociedade brasileira e para isto nada mais potente que enegrecer o SUAS.

Ao apresentarmos todos estes elementos, estamos apontando para a necessidade de, inicialmente reconhecer, refletir e projetar formas mais eficazes e efetivas de ação para o enfrentamento ao racismo. Exemplo disto são ações de letramento político, educação permanente de trabalhadores/as, ações afirmativas que promovam o acesso, com vias para a promoção da equidade e igualdade social.

A luta contra o racismo é essencial para o desenvolvimento de todos os cidadãos e para a construção de um lugar melhor para todas as pessoas. Neste sentido, políticas



educacionais antirracistas são essenciais, o que deve alcançar também trabalhadores/as em situação de trabalho. Fato é que uma sociedade moldada por perspectivas antirracistas tem maior possibilidade de garantir acesso equitativo a recursos, poder e processos de tomada de decisão, além de manter a segurança e a dignidade de todos.

Neste primeiro texto vamos trazer principalmente conceitos e legislações. Buscar estabelecer uma gramática e chão comuns para iniciarmos a nossa caminhada. Avante!

Texto 01: Relações Raciais – Histórico e Dinâmica no Brasil.

Com amor, aos nossos ancestrais.

A compreensão de passado, presente e futuro nasce junto com o tempo. Pensar no início de todas as coisas é construir uma história. Como surgiram as primeiras civilizações? O que herdamos delas? Ao olharmos para o céu e avistarmos as estrelas, revisitamos também um pouco de nós. E nada disso faria sentido sem reconhecer a força da ancestralidade. Conhecer de onde viemos é compreender o caminho que trilhamos e o que ainda queremos construir. Compartilhar histórias é também construir futuro.

Louvados sejam os nossos ancestrais, mães, pais, avós, tios e tias, os que vieram antes e os que ainda virão! Filhos e filhas da periferia, herdeiros de um continente de abundância: África, berço da humanidade e da civilização.

Muito antes das invasões europeias, a África era território de saberes complexos, com impérios como Mali, Gana, Songhai, Benim e Kemet (Egito), que desenvolveram matemática, medicina, astronomia, agricultura e arte. Mas a colonização europeia reduziu esse continente a uma imagem de pobreza e dor. Como lembra o antropólogo Kabengele Munanga, essa imagem foi construída para justificar a escravidão, criando a ideia de uma África “sem história”, quando na verdade ela é origem de muitas histórias.

O que a colonização fez foi tentar aprisionar a grandiosidade africana em uma caixinha marcada por sofrimento. Porém, a África é potência: diversa em culturas, cores, ritmos, fauna, flora e tecnologias. Cada periferia brasileira carrega um pedaço dessa herança, são quilombos urbanos, territórios de resistência e reexistência.



O que é racismo?

Para compreender o racismo no Brasil, é preciso entender como o termo raça foi historicamente manipulado. Segundo Munanga (2004), raça não é um conceito biológico, mas uma construção social e política criada para hierarquizar a humanidade e legitimar a exploração. A partir dos séculos XVII e XVIII, pensadores europeus inventaram uma hierarquia entre os povos, colocando a branquitude no topo e a negritude como sinônimo de atraso.

No século XIX, essa ideia ganhou um “verniz científico”, com o chamado racismo científico, que tentava provar a inferioridade de africanos e indígenas para justificar a escravidão e o colonialismo. Como explica Frantz Fanon (2008), o racismo é uma estrutura que desumaniza o outro para sustentar o poder do colonizador.

Assim, o racismo é mais do que um comportamento individual, ele é uma estrutura que organiza valores, crenças, economia e política. É uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que produzem vantagens e desvantagens sociais.

Racismo estrutural e institucional

O racismo não se limita às relações interpessoais, ele se manifesta também nas instituições e estruturas de poder. Quando olhamos para os espaços de decisão política, para as universidades, para os cargos de chefia ou para a mídia, vemos majoritariamente pessoas brancas. Já nas prisões, nas favelas e nos subempregos, a presença negra é predominante. Essa desigualdade não é coincidência, é resultado de uma sociedade que foi moldada sobre bases racistas.

O racismo institucional, termo difundido por Sueli Carneiro (2023), é o modo como as instituições reproduzem práticas discriminatórias, muitas vezes de forma “naturalizada”, negando direitos e acessos a populações negras e indígenas.

A herança escravista e a falsa abolição

O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão. Foram mais de 300 anos de sequestro e exploração de corpos africanos. Nenhuma pessoa negra veio ao Brasil por vontade própria, vieram sob violência e tortura. Mesmo assim, sempre houve resistência: fugas, revoltas, religiões, culturas e quilombos. Como dizia Abdias do Nascimento (1980), os

quilombos foram “as primeiras repúblicas livres das Américas”, exemplos de organização política e cultural negra.

A chamada “abolição” de 1888 não garantiu cidadania, terras nem reparação. Ao contrário: a população negra foi empurrada para as margens e dessas margens surgiram as periferias urbanas, territórios de exclusão, mas também de reinvenção e luta. Cada periferia é um quilombo contemporâneo. É memória, é resistência, é África viva em nós.

Conceitos importantes

- **Preconceito:** julgamento antecipado e negativo sobre pessoas ou grupos, baseado em ideias superficiais e estereótipos. Para Sueli Carneiro (2023), o preconceito é o primeiro passo para a negação da humanidade do outro.
- **Discriminação:** prática que traduz o preconceito em ação, gerando tratamento desigual entre grupos raciais. Segundo Silvio Almeida (2020), a discriminação depende da existência de poder e a capacidade de transformar o preconceito em privilégio ou exclusão.
- **Estereótipo:** generalização simplificada e negativa sobre um grupo. Como lembra Lélia Gonzalez (1980), o estereótipo é parte do “racismo por denegação”, no qual se disfarça o ódio racial com “elogios” e piadas.
- **Racismo:** sistema de opressão que organiza o mundo a partir da supremacia branca e da negação da humanidade negra.
- **Racismo científico:** Prática discriminatória pseudocientífica que pressupõe que as diferenças raciais são biologicamente determinantes para definir características físicas e psicológicas. Fundamentou-se em teorias e métodos científicos, como craniometria e eugenia, para justificar a discriminação racial e a crença em raças superiores e inferiores. Essa crença, refutada pela ciência moderna, serviu historicamente para legitimar a escravidão, o colonialismo e a segregação. Apesar de aparentemente desacreditado, o racismo científico ainda se manifesta em preconceitos e estereótipos que persistem hoje, inclusive na área da saúde, como no exemplo recente de uma ginecologista que fez afirmações sem base científica sobre odores em mulheres negras.



Médica vira ré por racismo após falas em consulta ginecológica de jovem negra na zona sul carioca

Médica é acusada de racismo contra paciente: 'Disse que mulheres pretas têm mais probabilidade de ter cheiro forte nas partes íntimas'

Fonte: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/medica-vira-re-por-racismo-apos-falas-em-consulta-ginecologica-de-jovem-negra-na-zona-sul-carioca/1866830062>

A gravação da conversa

Médica: Muito forte, aqui, oh. Quando você sua, o cheiro piora. É a mesma coisa do sovaco. É o mesmo cheiro, é um cheiro forte, mas é por causa da cor e do pelo. Você vai ser a vida inteira assim, então, você tem que se preocupar com isso, tá?

Paciente: Mas quando você fala da cor e do pelo, você tá dizendo que isso só acontece em pessoas negras?

Médica: É, é muito comum. Não é 90%, mas a gente coloca uns 70%.

Paciente: Então, tipo, tem a ver com melanina?

Médica: Tem a ver com a melanina também. Melanina é o pigmento que dá cor à pele, aos pelos e aos olhos. Na pele negra, a quantidade de melanina é maior.

"Quando a médica saiu falei: 'você percebeu o que aconteceu?' Aquele argumento que a médica nos deu foi algo racista e eu preciso que você tenha noção disso"

(conversa da paciente com a madrinha que a levou a consulta no consultório da zona Sul do Rio de Janeiro).

- **Branquitude:** Segundo Lia Vainer Schucman (2014), é o lugar social de privilégio e neutralidade racial que permite aos brancos não se reconhecerem como parte de um grupo racial.
- **Privilégio:** condição de vantagem mantida historicamente por determinados grupos sociais. Bell Hooks (2022) lembra que o privilégio não é apenas material, mas simbólico está nas representações, nas narrativas e nas oportunidades.

Se liga - Leis e conquistas

- ❖ **A Constituição Federal de 1988:** Reconhece o racismo como crime inafiançável e imprescritível (art. 5º, XLII) e assegura o princípio da igualdade e da dignidade da pessoa humana. “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.”
- ❖ **Lei nº 7.716/1989 - Lei Caó:** Dispõe sobre os crimes resultantes de preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. É a principal lei penal antirracista do Brasil. Foi proposta por Carlos Alberto de Oliveira (Caó), militante e deputado negro.
- ❖ **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) -Lei nº 8.069/1990:** Prevê o direito à proteção integral, sem discriminação de raça, cor, gênero, religião ou origem. A perspectiva racial é essencial para o atendimento do SUAS a crianças e adolescentes negros (as) , os (as) mais vulnerabilizados (as) pelo racismo estrutural.
- ❖ **LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- 1996), art. 78:** Garante a educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, reafirmando suas memórias, identidades e ciências.
- ❖ **Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR) - Decreto nº 4.886/2003:** Institui a política que orienta as ações do governo federal no combate ao racismo e na promoção da igualdade racial. É o decreto que organiza o conjunto de ações intersetoriais (educação, saúde, assistência, cultura etc.) para enfrentar desigualdades raciais.
- ❖ **Lei nº 10.639/2003:** Torna obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar.
- ❖ **Lei nº 11.645/2008:** Amplia a anterior, incluindo também a História e Cultura Indígena.
- ❖ **Decreto nº 6.872/2009:** Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais: Reconhece e protege comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas e outras populações tradicionais. Garante direitos territoriais, culturais e ambientais.
- ❖ **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (Portaria nº 992/2009 – Ministério da Saúde):** Reconhece o racismo como determinante social da saúde. Orienta o SUS a monitorar e enfrentar desigualdades raciais nos serviços de saúde.
- ❖ **Estatuto da Igualdade Racial - Lei nº 12.288/2010:** Estabelece diretrizes para garantir à população negra a igualdade de oportunidades, o combate à discriminação e a valorização da identidade negra em várias áreas: educação, cultura, saúde, trabalho, moradia, comunicação e acesso à terra.
- ❖ **Lei nº 12.711/2012** - Lei de Cotas: Garante reserva de vagas para estudantes pretos, pardos, indígenas e de escola pública nas universidades e institutos federais. Uma das políticas mais transformadoras em termos de reparação histórica.
- ❖ **Lei nº 13.882/2019** - Prioridade para mulheres vítimas de violência doméstica em programas de moradia: Ainda que não seja exclusiva à questão racial, tem impacto direto sobre mulheres negras, que são as maiores vítimas de violência doméstica e chefiam a maioria dos lares monoparentais nas periferias.
- ❖ **Lei nº 14.532/2023** - Racismo nas Redes e Injúria Racial: Equipara a injúria racial ao crime de racismo, tornando-a inafiançável e imprescritível. Amplia a proteção contra práticas racistas, inclusive em redes sociais e ambientes públicos.



Como dissemos, neste primeiro texto estamos buscando construir o início de um repertório comum para começarmos a seguir. Neste sentido, o conhecimento de conceitos, termos, expressões e legislações são essenciais. É importante ter leis e políticas de combate ao racismo, principalmente, as de combate ao racismo estrutural, que como vimos gera barreiras que limitam o acesso a oportunidades e perpetuam desigualdades sociais.

As legislações e políticas públicas derivadas permitem tensionar barreiras sistêmicas que dificultam o acesso de grupos racializados a oportunidades de educação, emprego e saúde. As políticas e leis devem atuar na identificação e eliminação dessas barreiras, que existem tanto de forma concreta quanto simbólica, o que pode ser identificado na poesia abaixo,

Poesia: O momento em que eu pensei em acabar com tudo

*De: Prince Belofá
de algum lugar do seu futuro
Para: Prince*

Oi, Prince, Como cê tá neguin?

Eu sei que você tem só 16 anos agora, mas tô te escrevendo isso pra adiar o fim do mundo.

*Neguinho, se acalma, nem tudo é tão rápido,
Eu sei que agora você tá trancado no quarto, sem comer o dia inteiro,
Junto com a melancolia,
Eu lembro desse dia,
Eu lembro da dor no peito de achar que não era merecedor,
Mas neguin, eu venho daqui do meu tempo pra dizer que Oxóssi escutou tudo que você rezou,*

*Eu sei que você está descobrindo agora o que são os orixás,
Que acha que o mundo do asê é o quintal da sua vó,*

*Eu sei neguin que você odeia o quanto sua mãe odeia seu interesse pelo terreiro,
Eu sei que parece que é só você e a Maria contra o mundo inteiro,*

Eu sei neguin,

*Que esse comprimido na sua frente te chama,
Eu senti o desejo que cê teve que o ar não passasse pela sua garganta,*

*Eu sei que seu pai passou e te viu chorando e pouco se importou com a cena,
Que sua mãe hoje fez questão de apontar todos seus problemas,
Que seu irmão passou e fez questão de te desprezar,
Coisas que você entendia no olhar,
Quantos detalhes que cê nem queria lembrar né?*

*Quantos momentos cê queria apagar?
Eu sei que cê tá procurando algo pra se apegar,*



*Algo pra acalantar,
Eu sei,
Mas calma,*

*Nego eu tô te escrevendo pra adiar o fim do mundo,
Porque é pique cena de filme de herói,
Hoje pessoas falam que você salvou elas,
Hoje pretin,
Cê ganhou o nome de Prince da favela,
Te tratam como revolucionário,
Negin cê lembra que tava lendo sobre Marighella,*

*Lembra da vontade que cê teve de querer mudar uma estrutura?
De participar da cultura?*

*Negin, ontem um menorzin,
Daqueles com seus traços,
Quase com se fosse seu retrato,*

*Se aproximou depois de você recitar uma dessas poesias que você escreve no quarto,
Essas que você preenche em folhas de caderno,
Aqueles que você não leva pra rua pra recitar,
Aqueles que falam sobre o como dói,*

*Ele te ouviu recitar,
E falou:*

"Obrigado por me salvar"

*Então eu te escrevo pra adiar,
O fim do (seu) mundo,*

*Porque se você decidir partir agora,
Se você decidir desistir agora,
Quem vai dar oficina de poesia pras crianças nas escolas?*

*Quem escuro igual você, vai recitar pra arrepiar peles escuras igual a tua,
Que vai mostrar que existe um lugar que salva além das ruas,
Que a arma mesmo é fazer a melhor rima,
Que quem tem mais sagacidade é quem escreve mais linhas,*

*E de tantas linhas escritas no caderno,
De tantas poesias amassadas no lixo,
De tanta revolta entalada,
De tantas vezes que te trataram como bicho,*

O destino quis que você escrevesse um livro,

*Sim, daqueles que saem em editoras,
Que se encontram em bibliotecas,
Mas que principalmente,
Daqueles que estarão em projetos sociais.*

*Se você parar agora,
Se você ingerir esses comprimidos enquanto bebe esse café,
Você vai deixar o mundo mais cinza.*



*Eu sei que você se sente feio,
Sente que não é amado,
Afinal, nesse mundo sem graça você é um homem de cor,
Sua pele te veste antes de qualquer roupa,
E isso cê tá descobrindo agora,*

*Mas se você terminar com isso agora por causa da dor,
Não vai ser conhecido como o menino do afeto,*

*E uma neguinha vai ficar sem um companheiro,
Ainda sentindo que homens negros nunca vão conseguir assumi-la,*

*E outra neguinha vai parar de crer no amor,
Vai acreditar que pra ela não existe respeito,
Vai acreditar que pra ela não existe afeto,*

*Neguin eu sei que agora cê tá sem fé,
Mas a vida é tão maluca que hoje você faz as pessoas acreditarem,*

Não só no que você fala,

Mas em si mesmas,

*Esse abismo que se chama depressão que te chama,
Vai fazer você várias vezes perder o chão,*

*Mas você neguin adia o fim do mundo,
Toda vez que faz um poema ou uma canção,*

*Porque você fala com aqueles que movem o mundo,
Aqueles que fazem o corre sem ter o cash da locomoção,*

*Então você adia seu fim,
E adia o fim da suas irmãs e irmãos,*

*Te escrevo pra que ainda exista
afeto para pessoas negras.*

Fonte: Livro “Cartas para adiar o fim do Mundo- Projeto Poesia nas Quebradas e Núcleo de Estudos, Organização e Difusão do Conhecimento em Literatura Marginal- NEOLIM”.

A poesia de Prince Belofá é uma conversa íntima entre um jovem negro e o homem que ele se tornará. É um texto que fala da dor e da beleza de existir sendo um corpo negro em um mundo que insiste em negar o afeto a esses corpos, especialmente na adolescência, fase em que o racismo, o silenciamento e a falta de pertencimento podem se tornar feridas profundas. Ao escrever para o próprio passado, Prince resgata o menino que quase desistiu e transforma sua dor em palavra, sua solidão em caminho. A carta é um gesto de cuidado e de



reparação: mostra que o acolhimento pode vir da escuta, do reconhecimento e da presença de quem entende o peso de ser jovem, negro e periférico.

Nessa perspectiva, fica o convite aos profissionais do SUAS a pensar a negritude não só como marcador racial, mas como experiência viva que atravessa as trajetórias de crianças, adolescentes e jovens atendidos nos serviços. É sobre a urgência de construção de uma cultura de práticas de enegrecimento do cuidado, que considerem o racismo como uma forma de violência estrutural que também adoece, e que reconheçam o potencial criativo e político desses adolescentes e jovens. Assim como Prince adiou o fim do mundo através da poesia, o trabalho social pode adiar o fim de muitos mundos, quando escuta, acolhe e cria espaços onde adolescentes e jovens negros possam existir com dignidade, afeto e esperança.

Curiosidade: Você já ouviu falar sobre Racismo Ambiental?

O termo racismo ambiental, difundido por movimentos negros e indígenas, denuncia a destinação de danos ambientais, como lixões, falta de saneamento e poluição, a territórios ocupados por populações racializadas.

Esses territórios sofrem com a ausência de políticas públicas, o descaso do Estado e a ação predatória de grandes empresas. Como explica Ailton Krenak (2019), o racismo ambiental é a negação do direito à vida em harmonia com a natureza.

Ao apresentarmos todos estes elementos, estamos apontando para a necessidade de, inicialmente reconhecer, refletir e projetar formas mais eficazes e efetivas de ação para o enfrentamento ao racismo. Exemplo disto são ações de letramento político, educação permanente de trabalhadores/as, ações afirmativas que promovam o acesso, com vias para a promoção da equidade e igualdade social.

A luta contra o racismo é essencial para o desenvolvimento de todos os cidadãos e cidadãs, o que envolve também trabalhadores/as, e para a construção de um lugar melhor para todas as pessoas. Neste sentido, políticas educacionais antirracistas são essenciais, o que deve alcançar também trabalhadores/as em situação de trabalho. Porque, fato é que uma sociedade moldada por perspectivas antirracistas tem maior possibilidade de garantir acesso equitativo a recursos, poder e processos de tomada de decisão, além de manter a segurança e a dignidade de todos.

O processo de enegrecer o SUAS pode envolver uma série de ações e iniciativas, já apontaremos algumas:

1. Formação e educação permanente - Esta é uma estratégia que estamos usando aqui, com este curso, buscando capacitar os profissionais do SUAS sobre as particularidades do racismo institucional e estrutural, promovendo elementos para a promoção de perspectivas antirracistas na prática cotidiana;
2. O reconhecimento e incentivo ao protagonismo negro no SUAS- a aproximação de movimentos sociais, organizações comunitárias e territoriais, o estímulo à participação de pessoas negras na formulação, gestão e avaliação das políticas de assistência social, exemplo disto pode ser a participação nos Conselhos de Assistência Social, organização de grupos de usuários por unidade da política nos territórios;
3. Desenvolvimento de políticas específicas voltadas para este segmento no SUAS - ***Para pensarmos: Assim como já existe a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra no Sistema Único de Saúde, seria possível o SUAS desenvolver ações focadas em promover a igualdade racial e combater o racismo no contexto da política?***

Estas são algumas possibilidades, existem outras, podemos “render” sempre mais. De todo modo, apresentamos estas ações de início, apontando que o caminho sempre deve ser o de buscar a superação da atuação genérica, de encobrimento das diferenças e dos elementos de identidade. É preciso que a política seja antirracista em seu cotidiano, no trabalho social com famílias, nos atendimentos e acompanhamentos cotidianos, nas referências e contrarreferências.

O caminho é longo, desafiador, mas nos encontramos porque estamos todos e todas caminhando na busca do seu enfrentamento e superação.

Dicas Culturais : Reflexões sobre Racismo e Percepção Social

🎬 Episódio 3X05 “Engenharia Reversa” (Men Against Fire) -Série Black Mirror (Netflix)

Neste episódio, soldados são treinados para eliminar criaturas chamadas “baratas”. Mas a grande revelação é que essas “baratas” são, na verdade, pessoas comuns vistas de forma distorcida por um implante cerebral. A trama denuncia como o racismo e os preconceitos são construídos socialmente e sustentados por narrativas que desumanizam determinados

grupos, uma metáfora potente sobre como a tecnologia, o poder e o discurso podem manipular percepções e legitimar violências raciais.

Documentário “Do Outro Lado da Sua Casa”

Disponível em: <https://youtu.be/Br049btilk0?si=OOSGGJkLnHhV1dPM>

O documentário propõe um olhar sobre as desigualdades raciais e territoriais no Brasil quando se trata de pessoas em situação de rua, mostrando como o racismo estrutura os espaços urbanos e define quem vive em condições de vulnerabilidade. A produção é do ano de 1985, mas parece bem atual e nos faz refletir sobre o que significa o “outro lado da sua casa”, aquele que é invisibilizado, mas que sustenta a base do funcionamento social.

Livro Um Preço Muito Alto - Carl Hart

Carl Hart, neurocientista negro, questiona o modo como a sociedade e o Estado tratam as drogas e as pessoas que as consomem. A obra desmonta mitos racistas que associam o uso de drogas à criminalidade, mostrando como políticas proibicionistas e punitivas foram (e ainda são) instrumentos de controle sobre corpos negros e pobres. O livro é uma leitura essencial para compreender como o racismo opera também no campo da saúde pública e da justiça criminal.

Música “Hat Trick” - Djonga

Disponível em: https://youtu.be/trfuqjFx_XE?si=L0Ve6USWD8HMD0cB

Na canção, o rapper Djonga faz uma verdadeira denúncia poética sobre a ascensão negra, o racismo estrutural e as contradições do sucesso em uma sociedade racista. A música traz a força da autoestima preta e da resistência periférica, mostrando que ocupar espaços de poder é também um ato político e de enfrentamento.



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZÁLEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Apresentado no Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós- graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 1980.

HOOKS, bell. Escrever além da raça: teoria e prática. São Paulo, Editora Elefante, 2022.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 2004.

NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

SCHUCMAN, L. V. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.